



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo (1810-1877) – Nasceu em Lisboa¹, a 28 de Março de 1810, filho de uma família da burguesia mediana, ligada ao funcionalismo público. O pai, Teodoro Cândido de Araújo, era fiel da Junta dos Juros. A sua juventude foi caldeada nas lutas liberais que se desenvolveram a partir de 1828, como reacção à dissolução das Cortes e à revogação da Carta Constitucional por D. Miguel. Em 1831, na sequência do seu envolvimento na revolta do regimento de cavalaria 4, que as forças miguelistas conseguiram sustentar à custa de muito sangue, Herculano exilou-se em França. Regressou passados dois anos (Julho de 1832), integrado no exército liberal que, sob o comando de D. Pedro, desembarcou nas praias do Mindelo e marchou para o Porto, onde acabou sitiado pelas forças miguelistas.

Esgotada a possibilidade de uma insurreição liberal generalizada, Herculano ocupou o cargo de segundo bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto, mas não renuncia à luta pelas ideias e os valores que tem por justos e adequados ao progresso do seu país. Tempos houveram em que fez da imprensa e até do panfleto campo de batalha das ideias que perseguia e que amadurecia em obras de maior fôlego, outros em que participou directamente no jogo político, e à sua pena incansável também nunca faltou inspiração para a obra literária.

Reagiu apaixonadamente à Revolução de Setembro de 1836, recusando-se a jurar a Constituição de 1822 (que se manteve até Março de 1838) e demitindo-se do cargo público que ocupava. Publicou então, sob anonimato, *A Voz do Profeta* (1836), espécie de manifesto político contra as opções dos setembristas. Algum tempo depois, Herculano foi convidado a assumir o cargo de redactor principal d' *O Panorama. Jornal Litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*², patrocinado pela rainha D. Maria II, e fixou residência em Lisboa. Entre Janeiro e Maio de 1838, acumulou aquela função com a de director do *Diário do Governo*. Em 1839, foi nomeado director das bibliotecas reais da Ajuda e das Necessidades, e abandona a chefia de redacção d' *O Panorama*, prometendo aos seus leitores continuar a escrever artigos para a publicação.

Nos anos subsequentes (1840 e 1841) manteve uma actividade política mais directa. Eleito deputado pelo partido Cartista, fez parte da «comissão de instrução pública», no quadro da qual desenvolveu um trabalho relevante, mas

¹ No Pátio do Gil, à Rua de São Bento.

² Disponível na Hemeroteca Digital.



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

acabou por ser afastado e abandonou o Parlamento. Retoma então o seu cargo de redactor principal d' *O Panorama* e dedica-se à redacção e publicação de obras como: *Cartas sobre a História de Portugal* (1842); *Apontamentos para a História dos Bens da Coroa e Forais* (1843-44), *O Bobo* (1843), *Eurico o Presbítero* e *O Pároco da Aldeia* (1844), e o primeiro volume da sua *História de Portugal* (1846), entre outras. Mas a política centralizadora e repressiva desenvolvida durante os governos de Costa Cabral (1842-46 e 1849-51), que repudiava veemente, por um lado, e a reacção clerical à negação do milagre de Ourique sustentada na sua obra historiográfica maior, por outro, despertou nele o polemista e aproximou-o da oposição. Terá mesmo sido em sua casa que se congregou o golpe que, apoiado por cartistas (adversos a Costa Cabral) e setembristas moderados, e encabeçado pelo marechal Saldanha, pôs fim ao cabralismo e marcou o início da Regeneração (1851).

Herculano participou activamente nas negociações que prepararam a formação do novo ministério e o programa reformista que iria desenvolver, mas optou por não se envolver directamente, recusando a pasta do Reino que lhe foi oferecida. Sustentado por alianças frágeis, temperadas no calor da revolução, o governo da Regeneração não resistiu muito tempo e foi reformulado. O que lhe sucedeu, alicerçado na tríade Saldanha, Rodrigo da Fonseca e Fontes Pereira de Melo, representou uma vitória para os cartistas. Ainda assim, Herculano manteve o seu distanciamento, pois a “regeneração” que idealizara, assente na descentralização, no desenvolvimento agrícola e das actividades tradicionais, numa lei eleitoral aberta, estava longe de se concretizar. Pelo contrário, tomou um rumo de sentido *anti-democrático* e por força motriz do progresso um programa de fomento e obras públicas, do qual Herculano desconfiava. De novo na oposição, Herculano sustentou vivas polémicas através de jornais como *O Paiz* (de 1851), *O Português* (1853), que fundou, *A Pátria* (1856), entre outros. É este contexto de combate político que enquadra a sua candidatura às eleições municipais de Novembro de 1853 – que venceu, tornando-se presidente da Câmara Municipal de Belém, e o seu envolvimento na fundação do Partido Progressista Histórico³ e na actividade política por ele desenvolvida nos anos seguintes: em 1857, opôs-se à concordata negociada com a Santa Sé, considerando que prejudicava os tradicionais direitos dos portugueses do Padroado do Oriente; no ano seguinte, fez campanha contra a introdução das Irmãs da Caridade; e em 1860, sob a égide de um governo do

³ Resultante da cisão do “velho” Partido Progressista, fundado em 1842.



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

partido histórico, fez parte da Comissão Revisora do Código Civil, na sequência do qual se estabeleceram vivas polémicas, nomeadamente sobre o casamento civil.

Entretanto, em 1859, Herculano adquiriu uma quinta em Vale de Lobos, que lhe servirá de retiro, sempre que precisa de isolar-se do tumulto dos dias para pensar, escrever ou dedicar-se às actividades de lavoura, que tanto apreciava. Na sequência do seu casamento tardio, em 1867, acabará por fazer da quinta sua residência permanente e nela acabará por falecer, em 1877, vítima de doença.

Alexandre Herculano granjeou o reconhecimento dos seus concidadãos ainda em vida. A homenagem que lhe prestaram em Março de 1910, a pretexto do centenário do seu nascimento, foi um testemunho veemente dessa reverência partilhada, capaz de transformar um homem em símbolo, ícone de uma nação: a da cultura portuguesa.

Rita Correia

Bibliografia:

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., s.d.

Câmara Municipal de Lisboa – *Alexandre Herculano: Um Pensamento “Poliédrico”*. Colóquio Comemorativo dos 129 Anos da sua Morte (1877-1977). Lisboa: CML, 2005. (Actas & Colóquios da Hemeroteca, N.º 3). ISBN 972-8695-29-2.

SARAIVA, António José – *Herculano Desconhecido: 1851-1853*. Porto: Edições SEM, 1952.